

# As representações do “otário” na lógica da malandragem

Uma abordagem comparativa entre cinema e literatura

Kayah Nicholas de Souza<sup>1</sup>

Wellington Vieira de Novaes<sup>2</sup>

## Resumo

O presente ensaio propõe-se a uma reflexão sobre as categorias “malandro” e “otário” a partir de uma abordagem comparativa entre o romance *Cidade de Deus* (1997) e o filme *A Vizinhança do Tigre* (2014). Retomando a linha de pensamento sobre o tema, aberta por Antonio Candido, aqui é explorada a tese de que a representação do “otário” nas obras em questão materializa um expoente da violência gerada pela inadequação do malandro na estrutura social. Conclui-se, portanto, que a representação do “ser otário” constitui um território de paz inalcançável, posto que a malandragem propõe a subversão dos ideais desenvolvimentistas por meio da exacerbação da violência.

**Palavras-chave:** malandragem; representações; narrativas; literatura; cinema.

## 1 A malandragem em um cenário de desenvolvimentismo emergente

O presente ensaio propõe-se a refletir acerca das representações do “otário” e seu par dialético, o “malandro”, a partir da comparação entre duas obras – o livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997) e o longa-metragem *A Vizinhança do Tigre*, de Affonso Uchôa (2014). Aqui, são investigadas as correspondências possíveis entre temas e motivos que transcendem obras e tempos. De modo a conduzir uma investigação neste sentido, a análise é apoiada na inter, trans e multidisciplinaridade do comparatismo no cenário contemporâneo: uma operação interdiscursiva, portanto (cf. ALÓS, 2021; CARDOSO, 2011; CARVALHAL, 1991). A partir de um trânsito intersemiótico entre literatura e cinema, traçamos uma busca por representações da figura do “otário”, remontando confluências entre o discurso literário e cinematográfico sobre o tropo da malandragem.

---

<sup>1</sup> Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Letras (Português) pela Universidade de São Paulo.

Para que seja possível acessar as generalidades do esquema dialético malandro-otário, faz-se necessária uma retomada crítica ao ensaio de Antonio Candido sobre o tema, *Dialética da Malandragem* (1970). Sua abordagem pioneira evidenciou uma dialética entre os universos da ordem e desordem – que, nas *Memórias de um sargento de milícias*, emergiu em uma mistura de cinismo e bonomia, demonstrando ao leitor uma relativa equivalência entre os universos em questão. Apesar de ser marcada por uma generalização da figura do malandro, a ideia de um sujeito à margem das dinâmicas do sistema e sem projeções que correspondam ao programa político desenvolvimentista merece atenção. Vale notar que, como destacado por Roberto Schwarz (1987), a abordagem de Candido merece destaque em função da firmeza com a qual o autor se deixa guiar pelo discernimento formal também para buscar o seu correlato social.

A malandragem estrutura-se na recusa da apropriação dos sujeitos pelas dinâmicas de trabalho impostas pelo capitalismo industrial. Enquanto uma estratégia de sobrevivência articulada em meio a um sistema mais amplo de correspondências, a malandragem ganhou espaço nas dinâmicas sociais dos grandes centros urbanos brasileiros. Isto, em contraposição ao ideal desenvolvimentista, principal projeto político mobilizado pela Ditadura Militar durante as décadas de 1960 e 1970. Este projeto alterou os horizontes possíveis para existência no âmbito do capitalismo, afirmando o processo de industrialização sobre bases que deslocam populações à um *modus operandi* de sujeitos monetários sem dinheiro. Segundo Schwarz,

[...] o desenvolvimentismo arrancou populações a seu enquadramento antigo, de certo modo as liberando, para as enquadrar num processo às vezes tirânico de industrialização nacional, ao qual a certa altura, ante as novas condições de concorrência econômica, não pôde dar prosseguimento. Já sem terem para onde voltar, essas populações se encontram numa condição histórica nova, de sujeitos monetários sem dinheiro, ou de ex-proletários virtuais, disponíveis para a criminalidade e toda sorte de fanatismo (ibid., 1987, p. 196).

Da população inserida na condição que Schwarz (1987) nomeia como ex-proletários virtuais emerge a malandragem, indispensável à sobrevivência dos marginalizados pelo projeto nacional. Neste cenário, amplia-se uma contracultura na qual a figura do herói já não é mais o caxias. Derivado das normas, o universo do caxias deixa de ser marcado pela criatividade musical e gestual, típica das fronteiras e interstícios do domínio social onde grassa a malandragem, e passa a ser marcado pelas vertentes formais mais controladas do nosso universo social (cf. DAMATTA, 1997). A malandragem adquire uma dinâmica interna de oposição constante ao caxias, conquistando espaço nas diversas formas expressivas — como na música, nas práticas religiosas, no cinema, na literatura etc. Como um contraponto à figura do malandro, o caxias: figura que compartilha de campos semânticos com a noção de otário, o homem comum e crédulo, sempre pronto a obedecer, constituindo-se na eterna e predileta

vítima dos malandros (ibid., 1997). O otário é, portanto, um termo indissociável das narrativas sobre a malandragem.

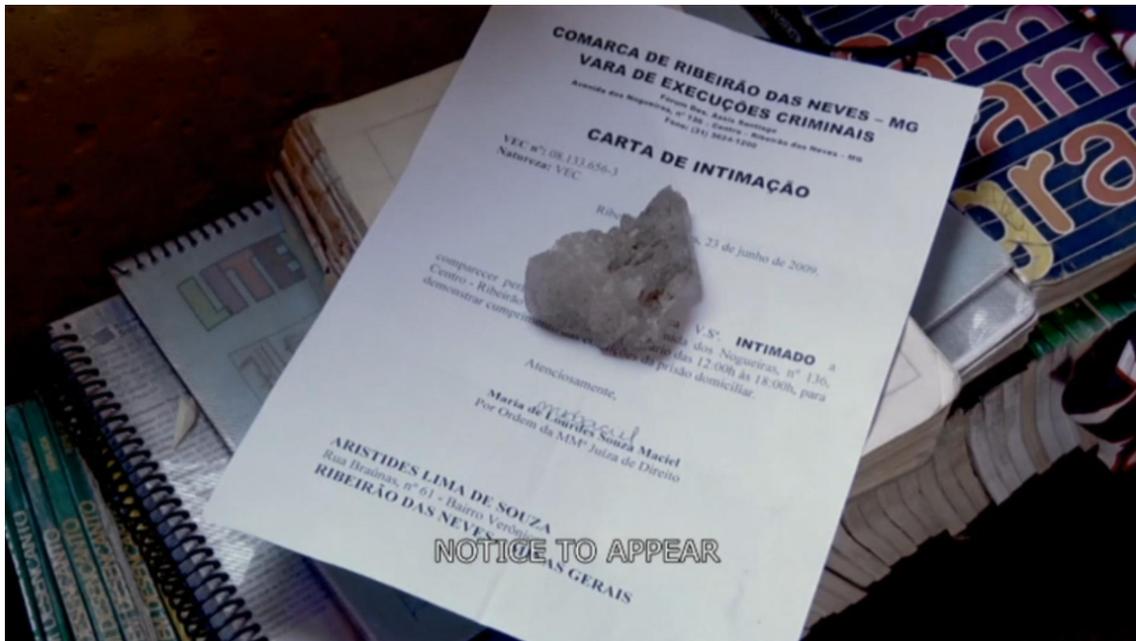
## **2 As representações do “otário” na lógica da malandragem: uma comparação entre cinema e literatura**

A fim de situar as representações do otário no sistema lógico da malandragem, buscamos apresentar este tropo a partir de duas obras – como já mencionamos, o livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins (1997) e o longa-metragem *A Vizinhança do Tigre*, de Affonso Uchôa (2014). Vale considerar que, aqui, propomos um trânsito intersemiótico para compreensão do tema e suas correspondências com sistemas políticos de maior abrangência. Evidentemente, a comparação não é um fim em si mesma, mas apenas um instrumento de trabalho, um recurso para colocar em relação, uma forma de ver mais objetivamente pelo contraste. Cabe identificar que, tal como pontuado por Candido (2006), o elemento social deve ser levado em conta não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada, tampouco como um enquadramento, que permite situá-lo historicamente: o elemento social deve ser abordado como fator próprio da construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Por outro lado, como assinalado por Carvalho (1991), o ato de comparar aproxima-nos da compreensão do elemento social. Isto, pois é uma ferramenta de trabalho que não busca justapor ou sobrepor, mas, sobretudo, investigar, indagar e formular questões que nos digam não somente sobre os elementos em jogo na comparação, mas o que os ampara.

Em *A Vizinhança do Tigre*, filme produzido por Affonso Uchôa (2014), e em *Cidade de Deus*, livro escrito por Paulo Lins (1997), encontramos pontos que permitem a construção de uma análise comparativa à luz de diferenciações e similitudes. *A priori*, aspectos da ambientação das narrativas devem ser considerados. No primeiro caso, a trama se desenvolve em Contagem, periferia de Belo Horizonte (MG), ao passo que, no segundo, a narrativa se desenvolve na cidade do Rio de Janeiro (RJ). É evidente que o material basilar da análise opera com centralidades urbanas distintas – sendo este aspecto passível de reflexões mais aprofundadas em função da relação entre estas duas obras. Contudo, não é ao que nos propomos aqui. Outra distinção interessante a ser feita cabe no campo da perspectiva dos personagens. Em *A Vizinhança do Tigre*, o primeiro personagem apresentado, Junior (ou Junin, como será referido no decorrer da obra) é um sujeito em condição de prisão domiciliar, como é possível notar no documento que o personagem lê nas cenas iniciais do filme (Imagem 1). A narrativa do filme se desdobra a partir do acompanhamento do cotidiano de seus personagens, que se dividem entre o crime, o lazer e o trabalho. Propondo uma discussão

acerca da vida marginal através da representação rotineira e de diálogos casuais que personificam questões como a oposição entre trabalho e marginalidade.

**Figura 1.** Junin recebe a carta de intimação convocando-o a demonstrar o cumprimento da prisão em regime domiciliar



Fonte: Reprodução de Uchôa (2014, 10m50s)

Já em *Cidade de Deus*, temos a perspectiva dos bichos-soltos: sujeitos em situação de vasta liberdade, incondicionados pela norma. A noção de malandro mobilizada por Roberto DaMatta (1997) parece definir, adequada ainda que indiretamente, o conceito de bicho-solto. Segundo este autor, o malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se. Rocha (2006), por outro lado, destaca a equivalência proposta por Paulo Lins entre malandros, bandidos, bichos-soltos e vagabundos, em suma, entre malandros e criminosos. No presente contexto, tal equivalência será levada em conta na abordagem das obras e no uso dos termos. O bicho-solto, tal como o malandro, se distancia do universo do trabalho formal – neste caso pela prática do crime como meio de acessar o capital. Segundo DaMatta (1997), o campo do malandro vai, numa gradação, da malandragem socialmente aprovada e vista como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto. O que marca a transição do malandro para o marginal seria, deste modo, a prática dos crimes como meio de sobrevivência. Uma representação interessante de como é motivada a ação do malandro no contexto da marginalidade pode ser observada no excerto abaixo, no qual é descrita a necessidade de Inferninho por dinheiro.

*Era bicho-solto necessitado de dinheiro rápido; naquela situação assaltaria qualquer um, em qualquer lugar e hora, porque tinha disposição para encarar quem se metesse a besta, para trocar tiro com a polícia e para o caralho a quatro. Tudo que desejava na vida um dia conseguiria com as próprias mãos e muita atitude de sujeito homem, macho até dizer chega. [...] Com dinheiro à pamparra tudo é bom de fazer, qualquer hora é hora de se fazer o que bem entender, todas as mulheres são iguais para um homem com dinheiro, e o dia que está por vir nascerá sempre melhor* (LINS, 2002, p. 42, grifos nossos).

A construção das cenas na obra de Lins aproxima-se do que pode ser encontrado em uma sequência fílmica. Isto, por sua caracterização dinâmica e por sua capacidade de evocar imagens poéticas que constroem a sensibilidade dos sujeitos em questão. São corpos humanizados por cenas de um cotidiano marcado por uma teia de sociabilidades perpassadas por conflitos, perseguições e violências – o que nos remete ao cinema sobre gangsterismo (SCHWARZ, 1999). Vale destacar que, como pontuado por Carvalhal (1991), uma determinada forma de expressão – neste caso, a literatura – pode se apropriar de características de outra – o cinema –, embora não perca sua especificidade. Para indicar os novos tempos, Lins apresenta uma espécie de "neofavela", reformada pela guerra entre os traficantes e pela correspondente violência e corrupção da polícia.

O mesmo nível de sensibilidade é atingido em *A Vizinhança do Tigre*, que valoriza a retratação do cotidiano e das relações afetivas dos personagens, ao mesmo tempo em que expõe os matizes da violência. Tal humanização desvela a poética do espaço de oposições da dialética otário-malandro – que transcende o puro dualismo e permeiam a ação dos personagens envolvidos. Na obra de Uchôa, a violência e a negação da vida no estatuto da normatividade são concebidas como ideais por alguns personagens. Vejamos o diálogo entre os personagens Junin e Neguin acerca da necessidade de dinheiro.

- Fumei.
- [pausa]
- Otário.
- E aí Neguin, onde é que vamos arrumar um dinheiro Zé?
- Não sei.
- Bicho tá pegando, Zé.
- Eu também, nós tem que arrumar uma nota.
- Ah, cê não tem nenhum passarinho pr'ocê dá água, Neguin.
- Cê não tem, não.
- Seu pai tem um boteco. Por que cê não vai trabalhar no boteco do seu pai?
- Eu não.

- “Eu não. Eu não”. Tomar no cu, mano. Tem muitos aí que não tem nada pra fazer mermão.
- Igual ocê né? [risos] Arrombado.
- [vou] Pedir pro seu pai pra arrumar um trampo lá pra mim.
- Vai fazer um Caixa 2. [risos] Ele ganha dois real, cê tira três. Ele ganha dois, cê tira três, ganha dois cê tira três. [silêncio] Ele ganha cinco cê tira dez (Uchôa, 2014, 18m41s - 19m19s).

A prática do trabalho, mesmo quando aparentemente disponível, é rejeitada pelo mesmo sujeito que outrora apresentava o crime como um ideal de prazer e realização (Imagem 2). Há uma dialética entre a ordem e a desordem que transpõe o trabalho a um segundo plano, criando outras mediações ao dinheiro. Soa irônico o uso do termo “otário” por Neguin ao se referir a Junin logo após um silêncio, abrindo um diálogo sobre o universo do trabalho no qual seu interlocutor, ao buscar uma inserção no mercado formal do capitalismo, assume a postura de otário. O diálogo evidencia a oposição discursiva entre as narrativas da malandragem e do trabalho, seja na total negação à vida do otário, ou no conflito entre as potencialidades possíveis da malandragem, ou a estabilidade decorrente do ser otário, assimilado pela lógica do trabalho.

**Figura 2.** Neguin encena um tiroteio utilizando um cabide como a representação de uma arma. No trecho selecionado, o personagem elabora sobre seu desejo em ter uma arma de calibre .12mm e atirar na cabeça de qualquer um que cruzasse com seu caminho



Fonte: Reprodução de Uchôa (2014, 10m50s)

Nesta passagem de *Cidade de Deus*, vemos uma figuração que apresenta-se alheia ao universo do trabalho na busca por arreentar a boa – ato que imediata e definitivamente retiraria o

sujeito de suas condições vigentes sem a necessidade do exercício do trabalho formal. Apesar do personagem já ter experienciado a vida nos moldes da normatividade, essa experiência é concebida como território de existência do otário, imediato oposto do malandro; este só pode sobreviver tirando vantagem daquele. Arrebentar a boa define o ideal de estabilidade por meio de alternativas que não ocorrem no universo do trabalho formal – e daí surge a necessidade do risco. O malandro, como corpo marginal, opera em um tipo de profissão perigo, definida por Rocha (2006) a partir do crime organizado como uma espécie peculiar de carreira, com raciocínios dignos de um lúcido banqueiro. O trabalho formal continua a ser negado, mas ainda assim ocorre a operacionalização de meios que criam o acesso ao dinheiro. Isto, em função da necessidade de se afastar de processos de marginalização de maior abrangência – que podem ser observados no trecho sobre a infância do personagem Martelo, destacado abaixo.

*Ainda criança Martelo jurara para si mesmo que não passaria pelas necessidades que passava com os pais. Filho caçula de uma família de seis irmãos, apenas ele arriscara correr o risco de um dia arrebentar a boa. Vez por outra, arrumava emprego de servente de pedreiro nas obras da Barra da Tijuca. Tinha calos nas mãos para mostrar à polícia quando era abordado. Era o titular do time de futebol do clube, respeitava todo mundo e, sempre que podia, evitava que seus parceiros molestassem os moradores (LINS, 2002, p. 38).*

Alguns personagens em *Cidade de Deus* parecem existir em meio a uma negação da malandragem, inserindo a experiência de ser otário como dimensão central para a existência de paz. É uma dialética sem síntese: os termos se anulam na operação do real. A dialética de ordem e desordem é construída inicialmente enquanto experiência e perspectiva de um setor social, num quadro de antagonismo de classes historicamente determinado (SCHWARZ, 1987). Tal como elaborado por Rocha (2006), a dialética da marginalidade apresenta-se através da exploração e da exacerbação da violência, vista como um modo de repudiar o dilema social brasileiro. Há um princípio de violência que caracteriza a marginalidade e viabiliza — ao mesmo tempo em que nega — o *ser otário* como ideal. O otário é uma figura de baixo estatuto na realidade do malandro, ainda que constitua um ideal. No trecho abaixo, Inferninho, fugindo da polícia após assaltar um carro junto de Martelo, manifesta abertamente seu desejo: ir embora dali para nunca mais. Tornar-se otário implica alcançar um território de paz e, conseqüentemente, recusar os interstícios da malandragem.

*Inferninho desentocou-se uma hora depois da perseguição. Martelo ainda insistiu para que ele desse mais um tempo, porém o parceiro não lhe deu ouvidos. O assaltante ficou ali sozinho até o dia clarear, não estava a fim de correr o risco de encontrar a polícia. Por volta das nove horas, desceu da árvore em que estava, sem nenhuma pressa, espreguiçou-se, urinou e pôs-se a caminhar. *Querria ver Cleide**

*para dizer que seu desejo era ir embora dali para nunca mais. Era um bom pedreiro, conseguiria emprego em qualquer hora que pintasse. Queria a paz, ter um filho e ser feliz com sua mulher. Não, não era medo o que sentia, nunca fora covarde; fora somente precavido. Era só essa vida de fugas, de assassinatos, que já tinha enchido o seu saco. [...] Na altura do Bonfim, diminuiu os passos, vasculhou com os olhos e só viu alguns biriteiros. A voz de Luiz Gonzaga no rádio trouxe-lhe certa calma. O sol queimava-lhe o rosto. Martelo assobiava uma canção de Paulo Sérgio, *pensou novamente em Cleide, iria dizer a ela que seria otário para o que desse e viesse. Paz, muita paz para o resto da vida. Não dava chance de pensamentos nefastos ferirem sua determinação quando pensava em marmitta, no trem e em ônibus lotados.* (LINS, 2002, p. 126 - 127, grifos nossos).*

### 3 Considerações finais

Sejam nos diálogos construídos por Uchôa ou na oposição cênica entre a violência e o cotidiano apresentada por Paulo Lins, a tônica pode ser encontrada na oposição discursiva entre o malandro e o otário. As tramas se aproximam naturalmente. A relação entre cinema e literatura se caracteriza como uma confluência, como um ponto de encontro (ou não), mas inegavelmente e sempre, como possibilidade de correspondências e trocas entre as duas artes (CARDOSO, 2011). Os personagens de ambas as obras negam a vida nos moldes do projeto nacional e trilham um caminho às margens do sistema. Porém, é necessário a eles a existência de indivíduos que cumpram tal ideal, para que a dinâmica de oposição opere efetivamente, sustentando seu modo de vida. É no otário que materializa um expoente para violência gerada pela inadequação do malandro na estrutura social. Lembremos que o personagem Martelo sempre que podia, evitava que seus parceiros molestassem os moradores. E como diz o ditado popular, “malandro que é malandro não cospe para cima” (ROCHA, 2006). A dinâmica social compreendida nas relações entre malandro e otário fundamenta-se pelo contexto pós-industrial do capitalismo brasileiro. Como foi evidenciado, o salto que busca aplicar um projeto de nação até seus fins últimos teve como consequência a figura do “trabalhador sem emprego”. Deste modo, não parece ser possível pensar na relação entre otário e malandro como uma dinâmica tangencial ao projeto desenvolvimentista.

Vale enfatizar que as figuras da malandragem emergem de sistemas mais amplos de correspondência – como o sistema capitalista industrial, que produz o sujeito enquanto ex-proletário virtual, sujeito monetário sem dinheiro. Não há o primado de um sujeito que engendra a malandragem em si mesma, mas sim investimentos sociais que precedem o sujeito, que promovem a exacerbação da violência a fim de repudiar o dilema nacional. O “trabalhador virtual” não teria outra forma de expressar seu descontentamento diante da nova lógica do trabalho a não ser a partir de um rompimento violento às normas. Desta

perspectiva, só é possível existir uma estrutura dialética entre o otário e o malandro em função da manutenção de uma relação entre trabalho e não-trabalho, fruto do ímpeto desenvolvimentista de um Estado na periferia do capitalismo global.

## Referências

ALÓS, Anselmo P. Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. *Organon*, v. 27, n. 52, Porto Alegre, 2021;

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 8, p. 67-89, São Paulo, 1970;

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006;

CARDOSO, Joel. Cinema e Literatura: contrapontos intersemióticos. *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 8, p. 1-15, Frederico Westphalen, 2011;

CARVALHAL, Tania. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 1, p. 9-21, Niterói, 1991;

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997;

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;

ROCHA, João César. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a “dialética da marginalidade”. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFSM)*, n. 32, Santa Maria, 2006;

SCHWARZ, Roberto. Cidade de Deus. In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999;

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da Malandragem”. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VIZINHANÇA do Tigre, A. Direção de Affonso Uchôa. Produzido por Katásia Filmes. Brasil: distribuição própria. 2014. 1h34m05s.

### Como citar

SOUZA, Kayah Nicholas; NOVAES, Wellington Vieira. As representações do “otário” na lógica da malandragem: Uma abordagem comparativa entre cinema e literatura. *Primeiros Estudos – Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 11, 2024;

DOI 10.11606/issn.2237-2423.v11i1pe00112001

### The representations of the “loser” in the logic of trickery:

A comparative approach between cinema and literature.

#### Abstract

The following essay proposes a reflection on the categories “malandro” (trickster) and “otário” (loser) through a comparative approach between the novel *Cidade de Deus* (1997) and the film *A Vizinhança do Tigre* (2014). Going across with Antonio Candido’s proposition on the theme, the essay explores the thesis that the representation of the “otário” in the works in question materializes an exponent for the violence generated by the inadequacy of the trickster in the social structure. It is concluded, therefore, that the representation of being a loser constitutes a territory of unreachable peace since the logic of trickery proposes the subversion of developmental ideals through the exacerbation of violence.

**Keywords:** trickster; representations; narratives; literature; cinema.

### Las representaciones del “pendejo” en la lógica del malandraxe:

Un abordaje comparativo entre el cine y la literatura.

#### Resumen

El presente ensayo se propone a una reflexión sobre las categorías “malandro” (pícaro) y “otário” (pendejo) a partir de un enfoque comparativo entre el libro “Cidade de Deus” (1997) y la película “A Vizinha do Tigre” (2014). Retomando la línea de pensamiento sobre el tema, iniciada por Antônio Cândido, en este ensayo es explotada la tesis que la representación del “otário” en las obras en cuestión, materializa un exponente para violencia general por la inadecuación del “malandro” en la estructura social. Se concluye, por consiguiente, que la representación de ser pejejo, constituye un terreno de paz inalcanzable, puesto que el malandraxe propone la subversión de los ideales desarrollistas por medio de la exacerbación de la violencia.

**Palabras clave:** malandraxe; representación; narrativa; literatura; cine.